

HUGO SCHUCHARDT, OS NEOGRAMÁTICOS E AS LEIS FONÉTICAS: UM DEBATE DE INTERESSE HISTORIOGRÁFICO

Jorge Viana de Moraes*
IFSP

Resumo: *O texto objetiva uma reflexão acerca da obra de Hugo Ernst Mario Schuchardt (1842-1927), notadamente sobre Schuchardt contra os Neogramáticos, na organização, introdução, tradução e notas para o português de Maria Clara Paixão de Sousa (2010), cuja edição original em alemão, Über die Lautgesetze: Gegen die Junggrammatiker, foi publicada em 1885. Neste sentido, buscamos trazer para a discussão a contextualização e a referência a alguns textos de grande relevância que ilustraram o cenário de debates da época acerca das leis fonéticas, inclusive os textos dos Neogramáticos (Junggrammatiker). Além disso, também procura por em relevância a importância da tradução para a compreensão das discussões provocadas por Schuchardt e o horizonte de prospecção (a recepção) de suas ideias durante as décadas de 60 e 70 do século XX, entre a fonologia estruturalista e gerativa. As citações e referências a outras obras de Schuchardt, pouco conhecidas, se fizeram necessárias para compreendermos melhor alguns aspectos de suas ideias linguísticas, pouco conhecidas e divulgadas em nosso meio.*

Abstract: *The text aims at a reflection about the work of Hugo Ernst Mario Schuchardt (1842-1927), notably about Schuchardt contra os Neogramáticos, in the organization, introduction, translation and notes to Portuguese of Maria Clara Paixão de Sousa (2010), whose original edition in German, Über die Lautgesetze: Gegen die Junggrammatiker, was published in 1885. In this sense, we seek to bring to the discussion the contextualization and reference to some texts of great relevance that illustrated the scenario of debates of the time about the phonetic laws, including the texts of the Neogrammaticians. (Junggrammatiker). Moreover, it also seeks to highlight the importance of translation for understanding the discussions provoked by Schuchardt and the prospective horizon (reception) of his ideas during the 60s and 70s of*

the twentieth century, between structuralist and generative phonology. Quotations and references to other little-known works by Schuchardt were necessary to better understand some aspects of his linguistic ideas, little known and disseminated among us.

Os estudos em *Histórias das Ideias Linguísticas* e *Historiografia Linguística*, como é patente àqueles que militam em ambas as áreas do conhecimento, têm crescido nos últimos trinta anos, devido a publicação de diversos trabalhos monográficos, como teses e dissertações, além de artigos, manuais introdutórios e traduções de textos fundamentais da linguística, sem mencionar a criação de sociedades científicas e de revistas acadêmicas, que têm aparecido nas últimas décadas, como que conferindo ao campo, inclusive no Brasil, um importante crescimento.

É neste contexto que temos de considerar a tradução e publicação em português da obra *Über die Lautgesetze: Gegen die Junggrammatiker*, de 1885 [Sobre as Leis Fonéticas: contra os Neogramáticos], do linguista e romanista alemão **Hugo Ernst Mario Schuchardt** (1842-1927), em tradução livre: (“Schuchardt contra os Neogramáticos”), que atende sem nenhum prejuízo os propósitos do projeto de tradução dessa importante obra para o português, cuja aparição no cenário linguístico e acadêmico de seu tempo serviu como uma resposta bastante expressiva ao domínio neogramático, de então, que reinava absoluto com suas leis, cujos dogmas asseguravam que todas as mudanças fônicas ocorriam de acordo com processos mecânicos para os quais não havia exceção.

Diferentemente do que poderá representar para os leitores em geral, esta tradução representa para os romanistas e sociolinguistas, de um lado, e para os linguistas teóricos e históricos, de outro lado, um valor a mais, na medida em que se trabalha com problemas ainda hoje largamente presentes nas agendas desses especialistas. Certas controvérsias a respeito da variação e da mudança linguísticas, cujos problemas, objetos de discussões calorosas, ainda não foram resolvidos, como por exemplo:

- a) O indivíduo como *centro* ou como *resultado* da mudança;
- b) A mudança como resultado de ações conscientes (imitação) ou inconscientes (gradual e infinitesimal) dos sujeitos, e por fim;

- c) As questões sobre a adequada abordagem metodológica em ciências, neste caso, a das ciências da linguagem.

O livro, embora pequeno, é extremamente consistente. De leitura densa, divide-se em três partes: a primeira apresenta um substancial ensaio introdutório de autoria da própria tradutora, organizadora e responsável pelas notas laterais de apoio, a Profa. Dra. Maria Clara Paixão de Sousa. A segunda parte é composta do próprio texto traduzido com notas de esclarecimentos; já a terceira e última parte é uma alentada e elucidativa referência bibliográfica comentada, em que Paixão de Sousa teve o cuidado de listar os autores e obras citados no texto, “na ordem em que ali aparecem, acrescentados de pequenas notas biográficas e indicações de edições recentes” (p. 74). O texto encerra-se com a reprodução da lista de referências bibliográficas da edição original de 1885 (constante do fac-símile disponível no portal eletrônico Hugo Schuchardt Archiv: <http://schuchardt.uni-graz.at/>), que, por sinal, segue ordem diferente da do texto traduzido. As referências no texto original (um opúsculo de 42 páginas, incluindo a página de rosto), ao contrário das práticas atuais, vêm antecipando o texto, já na sua abertura.

Especialista no assunto, a professora Maria Clara é docente junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLCV-FFLCH-USP), onde atua tanto na graduação como na pós-graduação, sendo responsável pela ministração de disciplinas de orientação teórica e histórica. Dentre tais disciplinas, podemos destacar: *Linguística Histórica do Português* e *O Pensamento Linguístico do Século XIX*, como diretamente relacionadas ao assunto do referido livro. Paixão de Sousa é doutora em linguística pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado na mesma área pela mesma universidade e pela Universidade de São Paulo; com formação na área de Sintaxe das Línguas Naturais, tem como interesse central de pesquisa o fenômeno da mudança linguística; atua também nas áreas de Teoria Gramatical e Linguística Computacional.

Foi coordenadora de pesquisas e difusão científica do Laboratório Brasileira Digital, da USP. Esse último trabalho, localizado em um campo ainda em formação e que se tem denominado Humanidades Digitais, consiste, basicamente, em uma nova filologia com vistas à era

digital, uma vez que são trabalhos dedicados a “construir bibliotecas, dicionários, *corpora*, e outros instrumentos digitais de organização da informação e do texto”, conforme afirma a própria autora em artigo sobre a definição e a delimitação da área hospedado no site do grupo, embora, da mesma forma, ela também afirme se tratar de um termo polissêmico (ver. “Humanidades Digitais”)¹. Portanto, observa-se que o trabalho de tradução, notas e comentários ao texto da obra ora comentada ficou a cargo de importante e competente pesquisadora, profissional em Linguística histórica e Filologia atualmente em atividade no país.

Quanto ao autor, pode-se dizer que foi um dos maiores linguistas e romanistas da segunda metade do século XIX e início do XX. Hugo Schuchardt (1842-1927) foi especialista em línguas românicas e em linguística comparativa. Seu interesse no campo era o mais diverso: abrangendo desde os pioneiros estudos de *línguas em contato* e de *línguas mistas* (*Sprachmischung*), assim como os estudos de *pidgin* e *crioulo*, passando pela investigação das origens antropológicas e etnográficas² da Ibéria e, em decorrência disso, de suas explicações de ordem linguística (*Die iberische Deklination*, 1907), até alcançar um dos mais intrincados problemas ibéricos, como a origem do povo e da língua basca, sendo, nesse ramo, uns dos mais importantes estudiosos. Foi também precursor juntamente com Rudolf Meringer (1859-1931) dos estudos *Wörter und Sachen* (Palavras e Coisas), que ele preferia denominar inversamente de *Sachen und Wörter*, porque defendia, por razão lógica, a precedência das coisas em relação às palavras (Schuchardt, 1910)³.

Schuchardt começou seus estudos em Filologia Clássica e Românica em Jena com August Schleicher (1821-1868); deu continuidade em 1861 em Bonn com Friedrich Diez (1794-1876), ali doutorou-se em 1864 com a tese *De sermonis Romani Plebei vocalibus* [“O vocalismo da fala plebeia romana”, em uma tradução aproximada], um opúsculo de 24 páginas escrito inteiramente em latim. O grosso da pesquisa, entretanto, foi publicado posteriormente em três grandes volumes, de 1866 a 1868 em alemão, sob o título *Der Vokalismus des Vulgärlateins* [O vocalismo do latim vulgar]. Vê-se logo que, desde o início de sua carreira, o interesse de Hugo Schuchardt girou em torno da evolução e da mudança da linguagem. Nessa sua *Inaugural-Dissertation* Schuchardt traçou as mudanças sonoras do latim para as

línguas românicas, afirmando que “Potissimum ad Romanicas hoc pertinent linguas, quippe quae ducant originem a lingua latina vel, ut accuratius loquar, a lingua Romana rustica”⁴ (Schuchardt, 1864, p. 10). O tema desta dissertação, portanto, não era a língua latina, em si, mas a linguagem das pessoas comuns a partir da qual as línguas românicas evoluíram.

Após alguns anos na Suíça francófona e na Itália, em 30 de abril 1870, segundo consta em registros, Schuchardt conseguiu sua habilitação professoral na Universidade de Leipzig com um trabalho sobre o Reto-romance, *Über einige Fälle bedingten Lautwandels im Churwälschen* e lendo *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten*, proferindo este último para uma banca composta nada mais nada menos do que pelas maiores autoridades em linguística da época, dentre as quais: Curtius, Leskien, H. Paul, Sievers e K. Brugmann. Este trabalho, segundo assinala o próprio Schuchardt em texto da segunda edição de seu *Brevier* (1928), só veio a público 30 anos mais tarde:

Em 1868 (Vok. des Vulgärlat. III, 32 ...), só tinha esboçado (embora claramente) a minha teoria sobre as modificações geográficas, e fiz dela, em 1870, tema de minha habilitação professoral em Leipzig (*Über die Klassifikation der romanischen Mundarten*) a que compareceram G. Curtius, A. Ebert, Fr. Zarncke, A. Leskien, H. Paul, E. Sievers, K. Brugmann, H. Suchier. Isto é apenas para dizer que ela não se realizou em um círculo restrito; no entanto, não havia sido impressa até 1900 (Schuchardt 1928, p. 431).⁵

Este é um dos primeiros trabalhos a registrar a variação linguística no campo românico⁶ (cf. Moraes, 2015), antecipando-se, inclusive, aos trabalhos dos suíços Louis Gauchat (1866-1942) e Jules Gilliéron (1854-1926). Poucos anos mais tarde, uma vez adquirida a habilitação professoral, Schuchardt obteve em 1873 uma cátedra na Universidade de Halle-Wittenberg, na Saxônia-Anhalt, Alemanha⁷; e depois, em 1876, na Universidade de Graz, Áustria, como professor, inaugurando a recém-criada cátedra de Filologia Românica, onde permaneceu até sua precoce aposentadoria em 1900. Proeminente linguista, Schuchardt receberia o prêmio Volney em 1885, um dos mais aclamados prêmios acadêmicos da Academia Francesa na época, pelo livro *Slawo-*

deutsches und Slawo-italienisches (1884) [Eslavo-alemão e eslavo-italiano], trabalho em que, além da coleta massiva de exemplos que já havia iniciado anteriormente no campo românico, Schuchardt dá continuidade à sua investigação sobre o contato, a mistura e a variação dos dialetos, naquilo que ele denominou de *Sprachmischung* [mistura de línguas]; Schuchardt defendeu que tal *mistura linguística* (ou mescla de línguas) era estruturada e introduziu, assim, a noção de identificações inter-linguísticas, desenvolvida posteriormente por Uriel Weinreich (1953) em *Languages in contact*.

O problema do contato, somado à ideia da mistura linguística, fortemente presente na obra de Schuchardt, aparecerá também na já mencionada *Leis Fonéticas: contra os Neogramáticos*. Schuchardt pressupunha que “a mistura linguística [ocorria] mesmo no mais homogêneo dos grupos de falantes” (Schuchardt, 2010 [1885], p. 46), tese que ia de encontro à dos neogramáticos, pelo menos com a de Hermann Paul (1846-1921), um de seus mais célebres e importantes representantes, ainda que pertencesse à chamada segunda geração neogramática. Conforme aponta Schuchardt, contrário a ele, Paul “só a admite [a mistura linguística] no caso da mistura étnica, que ele considera[va] ser algo de extremamente excepcional” (ibidem, p. 46), noção a qual Schuchardt rechaçava justamente porque entendia que o contato não configurava exceção, mas sim uma regra, quer fosse observado no caso dos centros urbanos de sua época, quer fosse observado ao longo da história das línguas, principalmente, em campo românico, cujo *latim vulgar* e cujas *línguas românicas* eram objeto de sua investigação, e que para ele consistiam prova cabal desse postulado. Certamente que com essa postura epistemológica Schuchardt se antecipava aos pressupostos variacionistas, amplamente reconhecidos, hoje, pela Teoria Variacionista, ou Sociolinguística Laboviana. Diz Schuchardt a certa altura do livro traduzido por Paixão de Sousa:

De um lado, vemos que a flutuação populacional em qualquer centro urbano de tamanho razoável é normalmente tão grande, que podemos de fato designá-la como uma mistura, no sentido estrito do termo. Dialetos longínquos não se mostram “*incapazes de desenvolver diferenças perceptíveis*” ali – ao contrário, costumam deixar marcas inconfundíveis no dialeto do centro populoso. De fato, é assim que esse tipo de dialeto costuma

perder suas características originais (notemos como a fala popular de Roma hoje é o toscano, o que definitivamente não era o caso quinhentos anos atrás) [...]. (Schuchardt, 2010 [1885], p. 46).

Dando sequência ao argumento Schuchardt ainda afirma que:

De outro lado, observamos que o único caso em que Paul (1880, p.71) admite a mistura linguística – é o caso em que “*em consequência de causas históricas especiais, grandes grupos de pessoas são arrancadas de seus lares e lançadas ao convívio com estranhos*”, está longe de ser excepcional. Do momento original de surgimento da nação romana até a formação das nações de fala românica, o que vemos é uma série quase ininterrupta de misturas das mais variadas formas (Schuchardt, 2010 [1885], p. 47).

Em *Über einige Fälle bedingten Lautwandels⁸ im Churwälschen⁹* [Sobre alguns casos de mudança sonora condicionada em Churwälschen], um dos textos de sua habilitação professoral, embora pouco divulgado, e mesmo quase desconhecido até entre os especialistas, em que analisa a evolução (as mudanças) de algumas palavras de origens semelhantes em diversos subdialetos reto-romances e em franco-provençal, mas cujos resultados culminavam diferentemente, Schuchardt já apresentava argumentos no sentido de desbancar a exagerada importância das leis fonéticas, predominantes no seu contexto científico, para dar ênfase às diferenças dialetais como parte da explicação para a mudança fonética (ou linguística), assim como para a afirmação de que tais leis, passíveis de perturbação por ação da analogia, eram psicologicamente condicionadas – isso para dizermos que a tese central de *Contra os Neogramáticos* foi sendo aos poucos e solidamente arquitetada.

Como exemplo do que se afirma, é possível verificar o que já havia dito Schuchardt quinze anos antes em *Über einige Fälle bedingten Lautwandels im Churwälschen*, texto em que ele já se opõe à tese da inexorabilidade das leis fonéticas [*Ausnahmslosigkeit der Lautgesetze*]: “a diversidade destas formas poderá ser, parcialmente, explicada devido às diferenças dialetais; de modo algum – diz ele – estaremos em algum lugar e iremos perceber uma lei [fonética] sendo estritamente

executada”¹⁰ (Schuchardt, 1870, p. 24-25). Posicionamento teórico, aliás, já bem estabelecido na abertura desse texto, em que Schuchardt enuncia a limitação das referidas leis fonéticas, quando afirmava que:

O som inerente a uma certa transformação não ocorre de modo algum em todos os lugares simultaneamente, mas, em primeiro lugar, em pontos individuais, geralmente, em palavras mais utilizadas, ou seja, em palavras ou [em processos de] formação de palavras mais frequentes (ou até mesmo em nomes próprios e empréstimos linguísticos, que são dados como individuais e estão submetidos a um tratamento mais arbitrário) e, em seguida, em uma disseminação gradual. Ele raramente penetra toda a área da linguagem (lembro-me do completo desaparecimento da aspiração na maioria dos dialetos românicos). Podemos reduzir os estágios de sua eficácia como um hábito, uma regra, uma norma, uma lei (isto é, com exceções) e descrita como a tendência [Neigung] da língua; [entretanto], frequentemente ela se solidifica antes que tenha de fato se desenvolvido (Schuchardt, 1870, p. 01, traduzimos).

Aliás, tanto a argumentação quanto alguns exemplos desse texto serão reaproveitados em *Leis fonéticas: contra os Neogramáticos*, como é possível notar na seguinte passagem deste último: “Já afirmei em outras ocasiões que a leis fonéticas passíveis de perturbação por ação da analogia são de fato psicologicamente condicionadas. Isso se confirma pelo fato de que entre as ocorrências das duas categorias só há lacunas, só gradações” (Schuchardt, 2010 [1885], p. 35-6). Os exemplos são estes: “pode-se ilustrá-lo, por exemplo, pela seguinte seqüência de desenvolvimentos românicos: *conte = comite, dunque = nunc; treatro = teatro; eglino amano = agli amano, non grieve ma lieve = non grave magis leve*: anteciparam-se representações sonoras imediatamente seguintes, mas também mais distantes” (ibidem, p. 36).

Vale lembrar ao leitor que Schuchardt nunca negou as leis fonéticas em si, na verdade, para ele “die ‘Lautgesetze’ sind Wegmarken, uns durch den dichten Wald zu geleiten” [as ‘leis fonéticas’ são sinais que nos guiam através da densa floresta] (Schuchardt, 1928, p. 135), mas a alegação neogramática de que essas leis agiam *cegamente* e de forma *incondicionada* nunca foi uma tese que Schuchardt esteve disposto a

tolerar. Tendo-se formado no ambiente acadêmico alemão de meados do século XIX (basta lembrar que o autor foi aluno respectivamente de Schleicher e Diez), é mais do que compreensivo que, de início, Schuchardt tenha operado paradigmaticamente (no sentido khuniano do termo) com as chamadas leis fonéticas, porque era a prática da ciência linguística *normal* do seu tempo, entretanto, o que ele nunca fez foi atribuir a elas naturalidade, muito menos ação cega, uma vez que os dados colhidos no campo românico no contato com diversos dialetos negavam, e em muitos casos, eram o oposto do que se afirmava em tal hipótese. No que se referem às cegas leis fonéticas que operavam sem exceções, a reação de Schuchardt veio não tanto contra elas, mas principalmente contra sua denominação e contra sua formulação rígida e um tanto quanto unilateral.

Nesse sentido, no texto de 1885, cuja tradução para o português é objeto de nossos comentários e algumas observações, Hugo Schuchardt nega a existência de leis que operem cegamente na linguagem. Segundo ele, as “leis fonéticas” não são leis naturais (Schuchardt, 2010 [1885], p. 31), porque não agem incondicionalmente, mas estão determinadas no espaço e no tempo (ibidem, p. 38), e muito menos agem de maneira totalmente inconsciente sobre os falantes (ibidem, p. 43, 44 e 45), já que, de certa forma, estão condicionadas socialmente, seja pela ação da escola ou de indivíduos de outras classes sociais tais como: príncipes, cortesões, atores, enfim, de pessoas especialmente influentes na sociedade, que podem pressionar e impulsionar a mudança. Segundo Schuchardt:

Se – como nos mostra a história – as peculiaridades de pronúncia das figuras especialmente influentes (príncipes, cortesãos, atores) são copiadas em seu círculo próximo, e se os professores impõem suas pronúncias a seus alunos, não se pode negar que o impulso da mudança fonética pode ser a escolha pessoal (Schuchardt, 2010 [1885], p. 45).

Portanto, nesse sentido, para ele, a mudança fonética era consciente. Schuchardt se opõe precisamente à alegada regularidade em geral das leis fonéticas e destaca que em uma comunidade linguística existe uma infinidade de variedade, que é consequência da idade, do sexo, da classe social, da formação, e, até mesmo, da personalidade ou temperamento

do falante (ibidem, p. 43). Conforme esclarece Paixão de Sousa (2010, p. 08), na teoria de Schuchardt é justamente a inclusão do espontâneo, do imprevisível, que explicam o funcionamento da língua. É o que Schuchardt diz quando afirma que “*toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular*” ou de que “*mudanças fonéticas esporádicas existem*” (Schuchardt, 2010 [1885], p. 64). Seria o mesmo que dizer, conforme anota Paixão de Sousa às margens desse respectivo parágrafo, que “a única regularidade está na irregularidade das mudanças”. Tese esta que encontrará eco 83 anos mais tarde na obra seminal da sociolinguística moderna de autoria de Weinreich, Labov e Herzog (2006), *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, o clássico texto de 1968 em que os autores, em um caloroso debate sobre a validade dos pressupostos estruturalistas, rompem com a dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia¹¹, afirmando que a ausência de heterogeneidade estruturada na língua é que seria tida como disfuncional (cf. Weinreich; Labov; Herzog [1968] 2006, p. 101). Entretanto, os autores não estabeleceram designadamente nesta obra um diálogo com o opúsculo fundamental de Schuchardt, aqui comentado, o que, sem sombra de dúvidas, caso ocorresse, teria trazido enorme contribuição à estratégia argumentativa dos autores da Teoria da Variação e da Mudança Linguística e lhes poupariam meia dúzia de páginas na refutação que eles também fizeram à teoria dos neogramáticos, cujo maior representante para eles havia sido Hermann Paul (ver principalmente às seções 1.1; 1.2 e 2, in: Weinreich; Labov; Herzog [1968] 2006).

Enfim, qualquer semelhança entre as ideias de Schuchardt e os pressupostos da Sociolinguística moderna não será mero acaso, apesar de haver essa lacuna acima observada. Em Moraes (2015 e 2018) procuramos estabelecer uma relação causal entre algumas concepções linguísticas de Schuchardt, Serafim da Silva Neto (1917-1960) e William Labov (nascido em 1927) e apontamos ali indícios de uma causalidade entre os conceitos variacionistas, de *mudança linguística*, de *pidgin* e *crioulos* e de *contato linguístico* presentes tanto na obra do filólogo brasileiro como na desses dois importantes nomes, respectivamente, da romanística e da sociolinguística moderna, mediatizados, segundo havíamos então argumentado (op. cit.), pela obra de Schuchardt e de Uriel Weinreich (1926-1967), com os quais

ambos mantiveram contato e de quem sofreram certa influência. Mas não só.

Com essa obra Schuchardt influenciou fortemente, se assim podemos dizer, *os primeiros sociolinguistas* da história moderna das disciplinas linguísticas da variação (como a dialetologia, por exemplo), que a ela dirigia comentários elogiosos, como foi o caso do linguista e dialetólogo suíço Louis Gauchat, a quem alguns historiadores dessa disciplina consideram como um precursor da área, ou um *proto-variacionista*, nas palavras de Chambers (2008).

Conforme se lê no prefácio da 2ª edição de *Hugo Schuchardt-Brevier - Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft* (1928), uma síntese da vasta e variada obra de Schuchardt, cuja organização, prefácio e primeira relação bibliográfica abrangente de sua produção esteve sob a responsabilidade de um de seus discípulos, o germanista Leo Spitzer (1887-1960), a recepção de *Leis fonéticas: contra os Neogramáticos* recebeu elogios de L. Gauchat, que escreveu em 1905 o seguinte comentário a seu respeito: “o opúsculo do Senhor Schuchardt ‘Über die Lautgesetze’ ainda é para mim o livro de cabeceira do filólogo” (in: Schuchardt-Brevier, 1928, p. 09).

A ampla repercussão e aceitação que a obra encontrou não foi diferente entre os linguistas franceses. Na época, Darmesteter, em *La vie des mots* (1887), afirmava que as mudanças fonéticas ocorriam com tal regularidade que se dizia que suas leis eram absolutas, que elas agiam com uma necessidade cega e que não permitiam e nem sofriam nenhuma exceção¹². Todavia, admitia que o tema era objeto de grande disputa e encaminhava seu leitor ao livro de Schuchardt:

Digamos que a natureza das leis fonéticas é neste momento objeto de discussões animadas e aprofundadas entre linguistas alemães. Não podemos nos deter neste ponto, e, por isso, encaminhamos o leitor, entre outras obras, para o livro de M. Hugo Schuchardt, *Ueber die Lautgesetze, Gegen die Junggrammatiker*, Berlin, 1885 (Darmesteter, 1887, p. 9, n.).¹³

É preciso dizer que o leitor se sentirá seguro com a leitura que fará, ou por meio do auxílio das notas, que são bastante esclarecedoras, ou porque a introdução ofereça generoso subsídio à contextualização da época. Conforme esclarece Paixão de Sousa, para compreender bem

essa obra de Schuchardt é preciso que o leitor atual esteja devidamente informado acerca do contexto em que ela foi produzida, a saber, como uma resposta aos neogramáticos. A respeito disso, ela diz:

a escrita de Schuchardt pressupõe um conhecimento prévio do famoso prefácio à “*Morphologische Untersuchung*” de Karl Brugmann e Hermann Osthoff, obra que viria a ser reconhecida como fundadora do movimento neogramático. Pressupõe, de fato, o conhecimento do *Credo* dos neogramáticos – e embora isso pudesse ser adequado para o público interessado neste tipo de debate nos anos 1880, hoje está longe de ser a realidade (Paixão De Sousa, 2010, p. 12).

Paixão de Sousa reconhece que o domínio desse, digamos *air du temps*, ao não especialista, ao leitor comum atual não é possível e para deixá-los totalmente ancorados no contexto das discussões correntes à época da publicação da obra, ela apresenta em um estudo introdutório dois quadros que reproduzem: (Q1) o trecho mais relevante do prefácio às *Morphologischen Untersuchungen* [Investigações Morfológicas] de Hermann **Osthoff** (1847-1909) e **Karl** Friedrich Christian **Brugmann** (1849-1919), com o qual o texto em questão de Schuchardt dialoga e; (Q2) o “Credo” neogramático, que sintetiza os principais pressupostos contra os quais Schuchardt havia se posicionado. Ambos os autores aparecerão citados ao longo do texto de Schuchardt. Como os textos constantes dos quadros se dirigem fundamentalmente aos especialistas da área de estudos linguísticos (alunos de graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores universitários), não houve a preocupação por parte da autora em traduzi-los, que, originalmente, estão em inglês e foram retirados da tradução de Winfred Philipp Lehmann (1916-2007) (Lehmann 1962), o que poderá trazer alguma dificuldade a possíveis leitores não especialistas e sem domínio da língua inglesa.

Paixão de Sousa ressalta, entretanto, que “eles – os quadros – são oferecidos, apenas, como apoio à leitura do texto de Schuchardt que segue. O que importa apontar neste momento – diz ela – é justamente o princípio fundamental que motivou a argumentação de Schuchardt: o funcionamento sem exceção das leis fonéticas” (Paixão de Sousa, 2010, p. 14-15), o que teria, neste caso, justificado a apresentação ligeira dos referidos quadros.

Devido à própria característica da obra, Paixão de Sousa procura resgatar o contexto científico mais imediato em que essa *peça* de Schuchardt foi escrita, sendo, inclusive, ela própria parte da materialidade desse contexto, funcionando como uma resposta ao chamado dogma neogramático. Isso por si já justificaria a leitura da obra do ensaio introdutório.

O leitor não especialista em linguística dos 1800, caso queira buscar subsídios para compreender o contexto um pouco mais anterior a este, talvez encontre os motivos que mobilizaram o próprio movimento Neogramático a formular teses tão rigorosas quanto controversas, e que chegando ao cúmulo do mecanicismo e do contrassenso da argumentação lógica, seriam, então, combatidas por Schuchardt.

Como se sabe, os Neogramáticos surgiram nas três últimas décadas do século XIX como um grupo relativamente homogêneo que se posicionou fortemente contra as orientações comparatistas de Franz Bopp (1791-1867) e, principalmente, às naturalistas de August Schleicher (1821-1868), representantes das gerações anteriores. Conforme observou Saussure (*CLG*, 2006 [1916], p. 12), em sua *Visão Geral da História da Linguística*: “graças aos Neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos”. Em direção oposta à desses autores, os Neogramáticos criticam proposições que davam à língua uma existência autônoma em relação ao falante. É o que Saussure observa ao notar que, desde então, não mais se ousou dizer: “a língua faz isto ou aquilo” nem falar da “vida da língua” etc., pois “a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam” (op. cit., nota 1). Para eles, os Neogramáticos, o objetivo principal do estudioso da linguagem não era a busca da *protolíngua* indo-europeia, isto é, daquilo que seria a origem das línguas modernas, mas sim o estudo das línguas vivas, onde os processos de evolução linguística poderiam ser vistos em ação, e nos quais se poderiam apreender a natureza da mudança linguística.

A formulação, segundo a qual não há exceções às leis fonéticas, já havia sido proposta dois anos antes da publicação das *Morphologischen Untersuchungen*, em uma obra que, aliás, serviu – juntamente com outra, um pouco mais antiga – de inspiração e de base para a redação de seu famoso prefácio.

A primeira obra é *Die Declination im Slawische-Litauischen und Germanischen* [A declinação no eslavo-lituano e no germânico], de August **Leskien** (1840-1916), publicada em 1876. A segunda é *Zur Geschichte der Deutschen Sprache* [A história da língua alemã], de Wilhelm **Scherer** (1841-1886), publicada em 1868. Leskien parece ter sido o primeiro, na *Introdução* de sua obra, a formular o princípio de que não deveria haver exceções às leis fonéticas:

No entanto, se quaisquer desvios aleatórios, fortuitos, que não apresentam nenhuma conexão entre si, são admitidos, basicamente, declaramos que o objeto de investigação, a linguagem, não é acessível ao conhecimento científico (Leskien, 1876, *Introdução*, p. XXVIII).¹⁴

Como era mais fácil explicar os fenômenos “regulares” com o auxílio de pretensas leis, tornou-se necessário encontrar também uma explicação para todos os casos que fugissem à regra. Especialmente no domínio das exceções, os adeptos dessa orientação recorreram à analogia. Essa tendência já era bem nítida na referida obra de Scherer. Daí a importância dessa segunda obra para Osthoff e Brugmann¹⁵, que no prefácio às *Morphologischen Untersuchungen* não esquecem o princípio da analogia que, para eles, é de natureza psíquica (Jankowsky, 1995). Neste sentido, elogiam Scherer por ter explicado numerosas formas que outros haviam considerado como resultados da evolução fonética. Conforme explicou Iordan (1973, p. 43), “a maior parte dos linguistas combateram Scherer; alguns, porém, seguiram-no”. Este foi precisamente o caso de Leskien, que, como vimos, influenciou diretamente os autores do *Manifesto Neogramático*, expressão pela qual também ficou conhecido o famoso prefácio de Osthoff e Brugmann (1878).

Não é sem razão que este historiador da Filologia Românica (Iordan, 1973) chama-nos a atenção para o modo como Osthoff e Brugmann falam de Scherer e Leskien, e em virtude do confronto estabelecido entre as suas ideias e as destes últimos, não será difícil compreender que “a fonte da maior parte das opiniões expostas em *Morphologischen Untersuchungen* tem de procurar-se nos trabalhos já citados” desses autores. Com isso, não será desarrazoado reproduzir para os leitores o trecho em que Osthoff e Brugmann enunciam o princípio do caráter

absoluto [ou inflexível] das leis fonéticas [*Ausnahmslosigkeit der Lautgesetze*], o qual Schuchardt ponto por ponto irá rechaçar no texto de 1885:

Toda mudança fonética, uma vez que procede mecanicamente, é admitida como leis em que não há exceções, isto é, a direção da mudança fonética é sempre a mesma para todos os membros de uma comunidade falante, exceto no caso em que ocorra uma divisão dialetal; e todas as palavras, nas quais ocorrem o som sujeito a essa mudança em contexto idêntico, são sujeitas a ela sem exceção (Osthoff; Brugmann, 1878, MU, Prefácio, p. XIII).¹⁶

Conforme já o dissemos, o trabalho de Paixão de Sousa no texto de Schuchardt de 1885 é fundamental porque ela o coloca no contexto original das ideias evocadas e das discussões por ele provocadas, assim como também faz emergir os principais textos com os quais ele dialoga (o prefácio de Osthoff e Brugmann é o principal deles). É de tal cenário que surge a oposição ferrenha e bem abalizada de Schuchardt às chamadas “Leis Fonéticas”, que, em tese, não deveriam ter exceção.

Entretanto, o trabalho dela vai além disso: Paixão de Sousa reconstrói também o contexto de recepção das ideias de Schuchardt durante as décadas de 60 e 70 do século XX, em que a obra do romanista alemão, por um lado, foi avaliada negativamente, em 1963, pelo estruturalista americano Robert Hall, em *Idealism in Romance Linguistics*, “sob a mais brutal de todas as luzes que o século XX lançou sobre seus trabalhos, na avaliação de T.H. Wilbur” (Paixão de Sousa, 2010, p. 6), e, por outro lado, a mesma obra foi avaliada de forma muito positiva pela fonologia gerativa do início dos anos 1970, por Theo Vennemann e Terence Wilbur. Theo Vennemann, no ensaio *Hugo Schuchardt’s Theory of phonological change*, afirma que “*Sobre as leis fonéticas* representa a peça teórica mais importante de todo o trabalho de Schuchardt, tocando em questões centrais que preocupam a teoria fonológica em todos os tempos” (Paixão de Sousa, 2010, p. 7), enquanto Wilbur, na introdução inglesa à tradução de *Sobre as leis fonéticas*, “desconstrói cuidadosamente o ataque de Hall a Schuchardt” (ibidem, p. 7).

Na opinião de Paixão de Sousa, que apresenta os argumentos tanto do estruturalista Hall, quanto dos gerativistas Wilbur e Vennemann, o que surpreende, por exemplo, na avaliação de Hall¹⁷ “é algo que só pode ser chamado de cegueira teórica. Pois, simplesmente não é verdade que Schuchardt não apresente um princípio positivo que ocupasse o lugar do princípio da regularidade da mudança dos neogramáticos” (idem) – essa é a acusação que Hall faz ao texto de Schuchardt –, uma vez que “ele ofereceu, justamente, **o princípio da irregularidade da mudança**” (idem). Paixão de Sousa entende que isso se dá porque “o problema, ao que parece, é que a historiografia de inspiração estruturalista não consegue enxergar, na irregularidade, matéria de que se façam princípios decentes” (idem).

Do ensaio introdutório de Paixão de Sousa cumpre destacar os seguintes itens:

1. Schuchardt e a teoria da mudança, em que a autora afirma que “o princípio da irregularidade de Schuchardt, aspecto fundamental para entendermos sua crítica aos neogramáticos e sua visão sobre a linguagem (e sobre o fazer científico), está resumido na sentença acima em que ele oferece explicitamente sua alternativa à proposta central dos neogramáticos: a única regularidade está na irregularidade das mudanças” (Paixão de Sousa, 2010, p. 7);

2. Schuchardt e a doutrina das mudanças regulares, “trata-se de uma argumentação lógica clássica, pelo método dedutivo”, para a qual a autora chama a atenção a respeito do “trecho inicial em que a primeira crítica de Schuchardt se dirige”: à própria formulação do princípio das leis fonéticas. Primeiro, diz Paixão de Sousa, a formulação obscurece o sentido do termo “lei”; segundo, a formulação não explicita o sentido do termo “exceção”. Configura-se, assim, conforme esclarece a autora, um sofisma: “pois na realidade há sim exceções no funcionamento das ‘leis regulares’ – não exceções denunciadas por seus críticos, mas sim exceções apontadas pelos próprios formuladores da doutrina para garantir o funcionamento regular das leis. A proposição, por isso, fere a lógica: o que ela afirma, de fato, é que **guardadas as devidas exceções, as leis fonéticas operam sem exceções**” (Paixão de Sousa, 2010, p. 12). Isso explica porque anteriormente havíamos nos referido: *as leis fonéticas que em tese não deveriam ter exceção*.

Os outros dois itens subsequentes – **2.1. A questão da “analogia”** e **2.2. A questão da relatividade espaço-temporal** –, serão itens

decorrentes desse anterior, pois as exceções, conforme a autora relembra Schuchardt, “são: a atuação contraditória de outras leis fonéticas; a atuação da analogia; e a provisão do recorte temporal e espacial ideal” (ibidem, p. 12).

E por último, o item **3. Ler Schuchardt hoje**, em que a autora procura expor a “melhor justificativa para a apresentação de uma nova edição para o livro de Schuchardt contra os neogramáticos”, que, segundo ela, já foi dada pelos seus primeiros re-editores quarenta anos atrás, ou seja, a de “oferecer aos alunos a aos especialistas de hoje um texto que ainda pode ser muito inspirador, e no qual apenas as obras citadas estão superadas – todo o resto permanecendo o mais fresco que nunca” (Paixão de Sousa, 2010, p. 25).

É justamente por essa razão que a autora (Paixão de Sousa, 2010, p. 25) indica “aos interessados em avaliações mais consistentes e cuidadosas sobre a posição singular de Hugo Schuchardt frente à linguística da virada dos XIX e XX” uma literatura mais especializada, como a edição de 1972 de *Über die Lautgesetze: Gegen die Junggrammatiker*, cuja tradução para o inglês [On sound laws: against the neogrammarians] ficou a cargo de Terence Wilbur e Theo Vennemann. Segundo a autora, tal estudo conta com “uma ótima biografia de Schuchardt” realizada pelo primeiro dos editores e dois ensaios sobre sua teoria fonológica, realizados pelo último, Theo Vennemann. A outra indicação de Paixão de Sousa é “o completíssimo *The Laugesetz-Controversy: a documentation*”, de 1977, organizado por Terence Wilbur e não por Konrad Koerner¹⁸. A última recomendação feita pela estudiosa é referente à “monumental ‘*La Linguistica dell’Ottocento*’ de Anna Mopurgo Davies”. A obra de Mopurgo Davies (1937-2014), a que nossa tradutora compreensivelmente reputa como “profundamente erudita e extremamente agradável de ler”, é de 1996 e caracteriza-se como uma das principais bibliografias sobre a linguística desenvolvida e praticada nos 1800, que, como se sabe, era basicamente de orientação comparativa e histórica.

Paixão de Sousa (2010, p. 26) ainda ressalta que “o texto de Schuchardt é exigente em mais de um sentido: de um lado porque requer [...] o comprometimento absoluto de seu leitor com a independência intelectual; mas de outro lado, porque exige dele grande

paciência e habilidade decifratória. O texto não se dá à fácil interpretação: demanda tempo e empenho do leitor”.

Contudo, ressalta-se que a importância da publicação de tal obra entre nós está na sua atual relevância, pois, como disse sua tradutora, introdutora e organizadora: “é esta a impressão suscitada pela leitura de ‘Sobre as leis fonéticas’: é um livro no qual tudo está ultrapassado (as referências bibliográficas, o debate que suscitou sua escrita, as próprias leis fonéticas referidas no título) – tudo, menos as ideias de Schuchardt” (Paixão de Sousa, 2010, p. 25).

Por fim, acrescente-se ainda o mérito de essa ser a primeira obra do grande linguista e romanista, o mestre de Graz, a ser traduzida para o português. Nem mesmo Serafim da Silva Neto, que, em seus trabalhos, o citava reiteradamente o fez. As ideias de Hugo Schuchardt merecem entre nós maior divulgação, assim como melhores discussão e contextualização histórica.

Referências bibliográficas

- CHAMBERS, J.K. (2008). “Louis Gauchat, Proto-Variationist”. In: *Historiographica Linguistica*, vol. 35, p. 215 –225.
- DARMESTER, Arsène (1887). *La vie des mots – étudiée dans leurs significations*. Paris: Delagrave.
- GARTNER, Theodor (1883). *Raetoromanische Grammatik*. Heilbronn: Verlag Gebr. Henninger, [reprod. moderna em Bremen: Editora Dogma, 2012].
- IORAN, Iorgu (1973). *Introdução à Linguística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- JANKOWSKY, Kurt, R (1995). “Editor’s Introduction”. In: SCHERER, Wilhelm. *Zur Geschichte der Deutschen Sprache: with an introductory article by Kurt R. Jankowsky*. New ed. Amsterdam: John Benjamins, pp. IX-XXIV. (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Series I, Amsterdam classics in linguistics, 1800-1925, v. 16).
- LESKIEN, August (1876). *Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen*. Leipzig: S. Hirzel.
- MORAES, Jorge Viana de (2015). *Unidade na diversidade: as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídios para a constituição de uma teoria da variação linguística*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-23032016-131430/>>. Acesso em: 2017-09-04.
- MORAES, Jorge Viana de (2018). “Hugo Schuchardt, Silva Neto, Weinreich e Labov: a relação entre alguns scholars e suas contribuições para os Estudos Crioulísticos”. In: *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, vol. 27, p. 167-228.
- OSTHOFF, Hermann; BRUGMANN, Karl (1878). "Vorwort" In: *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen. I. Theil*. Leipzig: S. Hirzel.
- SAUSSURE, Ferdinand de (2006). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, [1916].
- SCHERER, Wilhelm (1995). *Zur Geschichte der Deutschen Sprache: with an introductory article by Kurt R. Jankowsky*. New ed. Amsterdam: John Benjamins, (Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Series I, Amsterdam classics in linguistics, 1800-1925, v. 16).
- SCHUCHARDT, Hugo. (1864). *De sermonis Romani plebei vocalibus*. Dissertatio Philologica. Bonnae: Formis Carthausianis.
- SCHUCHARDT, Hugo (1870). *Über einige Fälle bedingten Lautwandels im Churwälschen*. Gotha: Perthes' Buchdruckerei.
- SCHUCHARDT, Hugo (1885). *Ueber die Lautgesetze*. Gegen die Junggrammatiker. Berlin: Oppenheim.
- SCHUCHARDT, Hugo (1907). “Die iberische Deklination”. In *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften in Wien*. In: Philosophisch-Historische Klasse, vol. 157, p. 1–90.
- SCHUCHARDT, Hugo (1910). “Sachwortgeschichtliches über den Dreschflegel”. In: *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. 34, p. 257–294.
- SCHUCHARDT, Hugo (1976). *Hugo Schuchardt-Brevier - Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft*. Tübingen: Max Niemeyer. (Unveränderter reprografischer Nachdruck der 2., erweiterten Auflage, Halle (Saale), 1928).
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; Marvin I. HERZOG (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, [1ª ed. orig. 1968].

Palavras-chave: Hugo Schuchardt; Leis fonéticas; Neogramáticos.

Keywords: Hugo Schuchardt; Phonetic laws; Neogrammarians.

Notas

* Doutor em Letras (Filologia e Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo, com tese defendida no campo da História das Ideias Linguísticas. Professor da disciplina *História das Ideias Linguísticas* no curso de Licenciatura em Letras: Português do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo – IFSP- SPO. É vice-líder do GT Gramáticas: história, descrição e discurso (CNPq/USP); Membro do Grupo de Trabalho em Historiografia da Linguística Brasileira da ANPOLL; Membro do Comitê Científico da área de Historiografia Linguística da ABRALIN – 2018-2019 e Membro do comitê editorial dos Cadernos de Linguística (CadLin) da ABRALIN. Email: jorgevianamoraes@gmail.com

¹ Disponível no site: <https://humanidadesdigitais.org/o-que-sao-humanidades-digitais/>. Acesso em: 15 jun. 2017.

² Ver o capítulo *Sprachwissenschaft im Verhältnis zur Ethnographie, Anthropologie und Kulturgeschichte* [Ciências da Linguagem em relação à Etnografia, Antropologia e História cultural] em Schuchardt-Brevier, 1928, p. 334 *et seq.*

³ Schuchardt esclarecia a questão da seguinte forma: a) “Eu escolhi a outra sequência de palavras não por desejo de mudança, mas porque para mim a iluminação das palavras através das coisas é mais essencial [...] e as coisas têm sido, assim, [estabelecidas] antes das palavras [as designarem]”. No original: “Ich habe die andere Wortfolge nicht aus Änderungssucht gewählt, sondern weil für mich die Beleuchtung der Wörter durch die Sachen das Wesentlichere [ist] und die Sachen ja von Anfang an vor den Wörtern gestanden haben” (Schuchardt, 1910, p. 257); e em outra obra: b) “Ideias e palavras são sempre coisas no sentido absoluto [...]. Não há razão para uma disputa de prioridade aqui; evidentemente, algo tem que estar lá antes que possa ser designado, nomeado, representado, simbolizado”. No original: “Vorstellungen und Wörter sind stets auch Sachen im Absoluten Sinn [...]. Hier bleibt kein Raum für einen Prioritätsstreit, den es ist selbstverständlich, dass etwas dasein muss, bevor es bezeichnet, benannt, abgebildet, symbolisiert werden kann [...]” (Schuchardt-Brevier, 1928, p. 126).

⁴ Traduzimos: “A maioria das línguas românicas pertence originalmente à língua latina, ou para dizer com maior precisão, à língua rústica (rural) romana”. Schuchardt com esta dissertação aprofunda e detalha o que anteriormente Friedrich Diez, fundador da Filologia Românica e seu mestre em Bonn, havia trazido como novidade para os estudos de filologia que se fazia na tradição alemã da época, criando inclusive uma reviravolta no campo, ao considerar a linguagem romana plebeia ou vulgar, e não o latim escrito, padrão clássico elegante, como origem das línguas românicas.

⁵ No original: “1868 (Vok. Des Vulgärlat. III, 32...) habe ich meine Theorie von der geographischen Abänderung zwar nur angedeutet, aber deutlich, und sie 1870 zum Gegenstand meiner Leipziger Probevorlesung (Über die Klassifikation der romanischen Mundarten) gemacht, der u. a. G. Curtius, A. Ebert, Fr. Zarncke, A. Leskien, H. Paul, E. Sievers, K. Brugmann, H. Suchier beiwohnten. Das soll nur besagen daß sie nicht in einem kleinen Winkel stattgefunden hat; gedruckt wurde sie allerdings erst 1900.”.

⁶ Pelos menos, segundo os preceitos da moderna abordagem das Ciências da Linguagem, no final do século XIX.

⁷ No entender de alguns, essa Universidade estava dominada pelos Neogramáticos. Isso levou Schuchardt, irritado, a buscar novos horizontes.

⁸ A expressão *Lautwandels* também pode ser traduzida por “trocas” de som. Segundo a leitura que Weinreich; Labov e Herzog (2006 [1968], p. 51) fizeram desse termo em alemão, as “trocas” de som “são alterações em termos de processos sincrônicos unicamente, e são tidas como regulares”.

⁹ De acordo com os romanistas, Churwälschen foi a denominação equivocada que Friedrich Diez deu ao Rético ou Reto-romance, “mas apenas porque os dialetos relacionados em Tirol e Friuli eram quase desconhecidos para ele”[...] aber nur weil ihm die verwandten Mundarten in Tirol und Friaul fast unbekannt waren”, segundo afirma Theodor Gartner (1883, p. XIX) em sua *Raetoromanische Grammatik*. Nesse caso, Diez foi seguido por Schuchardt, que, no entanto, considera não apenas estes, mas também outros dialetos que compõem esta importante língua românica, normalmente identificada por três variantes: o friuliano, da região do Friuli-Venezia Giulia, Itália; o ladino, falado nas montanhas Dolomitas na Itália (Trentino-Alto Ádige e Vêneto) e o romanche, circunscrito à Suíça, sendo uma das quatro línguas oficiais desse país.

¹⁰ Citação no original: “Die Verschiedenheit dieser Formen mag zum Teil auf Rechnung der mundartlichen Verschiedenheit gesetzt werden; keinesfalls werden wir irgendwo ein ganz streng durchgeführtes Gesetz wahrnehmen”.

¹¹ A aparente contradição entre sistema e mudança cria um dos pontos de ruptura epistemológica, no qual emerge, na década de 1960, o Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]).

¹² No original: “Les changements de sons se sont produits si régulièrement qu’on a pu dire que les lois phonétiques sont absolues, qu’elles agissent d’une aveugle necessite et qu’elles ne permettent et ne souffrent aucune exception” (Darmesteter, 1887, p. 9).

¹³ No original: “Disons que la natura des lois phonétiques est en ce moment l’objet de discussions animées et approfondies entre les linguistes d’aAllemagne. Nous ne pouvons nous étendre sur ce point, et renvoyons le lecteur, entre autres ouvrages, au livre de M. Hugo Schuchardt, *Ueber die Lautgesetze, Gegen die Junggrammatiker*, Berlin, 1885”.

¹⁴ No original: “Lässt man aber beliebige zufällige, unter einander in keinen Zusammenhang zu bringende Abweichungen zu, so erklärt man im Grunde damit, dass das Object der Untersuchung, die Sprache, der wissenschaftlichen Erkenntniss nicht zugänglich ist” (Leskien, 1876, *Einleitung*, p. XXVIII).

¹⁵ Para saber mais sobre a importância de Scherer e de sua obra sobre os Neogramáticos e seu credo, vj Jankowsky (1995, p. xxiii).

¹⁶ No original: “Aller Lautwandel, soweit er mechanisch vor sich geht, vollzieht sich nach ausnahmslosen Gesetzen, d.h. die Richtung der Lautbewegung ist bei allen Angehörigen einer Sprachgenossenschaft, außer dem Fall, daß Dialektspaltung eintritt, stets dieselbe, und alle Wörter, in denen der Lautbewegung unterworfenen Laut unter gleichen Verhältnissen erscheint, werden ohne Ausnahme von der Veränderung ergriffen” (Osthoff; Brugmann, 1878, MU, Vorwort, p. XIII).

¹⁷ De acordo com Paixão de Sousa (2010), para Hall o texto de Schuchardt era “anticientífico” e voltado ao debate estéril de “minúcias”. Entretanto como ela bem

argumenta: “precisamos lembrar que o objetivo de Schuchardt neste livro não era sequer propor, e muito menos provar, vinte e nove teses – ou tese alguma; seu objetivo era discutir o princípio fundador da escola neogramática, a partir de um método dedutivo, e demonstrar logicamente sua invalidade” (Paixão de Sousa, 2010, p. 21-22).

¹⁸ Konrad Koerner – por uma falha tipográfica o nome aparece grafado duas vezes como “Kroner” (pp. 25 e 26) –, a quem a autora reputa como o responsável pela edição e pela introdução de *The Lautgesetz-Controversy: a Documentation*, de 1977. Efetivamente a introdução desse volume ficou a cargo de Koerner, especialista no assunto, não a edição, que é de responsabilidade de Terence Wilbur. Além de autor da introdução do referido volume, Koerner é o editor geral da série, da qual este volume (nº 09) faz parte; série que já se tornou clássica nos estudos historiográficos, cujo título é “Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science – Series I – Amsterdam Classics in Linguistics, 1800-1925”.